

DOI: 10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT17.001

NICTALIPIAS COTIDIANO-CONTEXTUAIS: A LUMINOLOGIA COMO POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS PARA (RE)VERMOS (N) OS ESCUROS DE NOSSOS (CON)TEXTOS CONTEMPORÂNEOS

William Scheidegger Moreira

RESUMO

Este texto é culminância de uma pesquisa de mestrado, dedicada ao desenvolvimento de uma nova proposta teórica, pós-estruturalista, relativa ao campo das ciências Humanas. Através desta pesquisa, proponho aos investigadores contemporâneos uma nova possibilidade operativa para produções de pesquisas pós-estruturalistas, a luminologia, através da qual são dinamizados debates críticos, que intencionam potenciais ampliações de nossas atuais condições em produzirmos conhecimentos acadêmicos, sob margens de liberdades mais ampliadas no que se refere aos modos de pensar e, então, produzir e distribuir conhecimentos. Ao longo do texto, há considerações a sinest-análise, uma nova proposta teórica que, através da referida pesquisa de mestrado, é proposta junto à luminologia.

Palavras-chave: luminologia, pós-estruturalismo, linguagens, pesquisas, humanidades.

ABSTRACT

This text is the culmination of a master's research, dedicated to the development of a new theoretical proposal, post-structuralist, related to the field of Human Sciences. Through this research, I propose

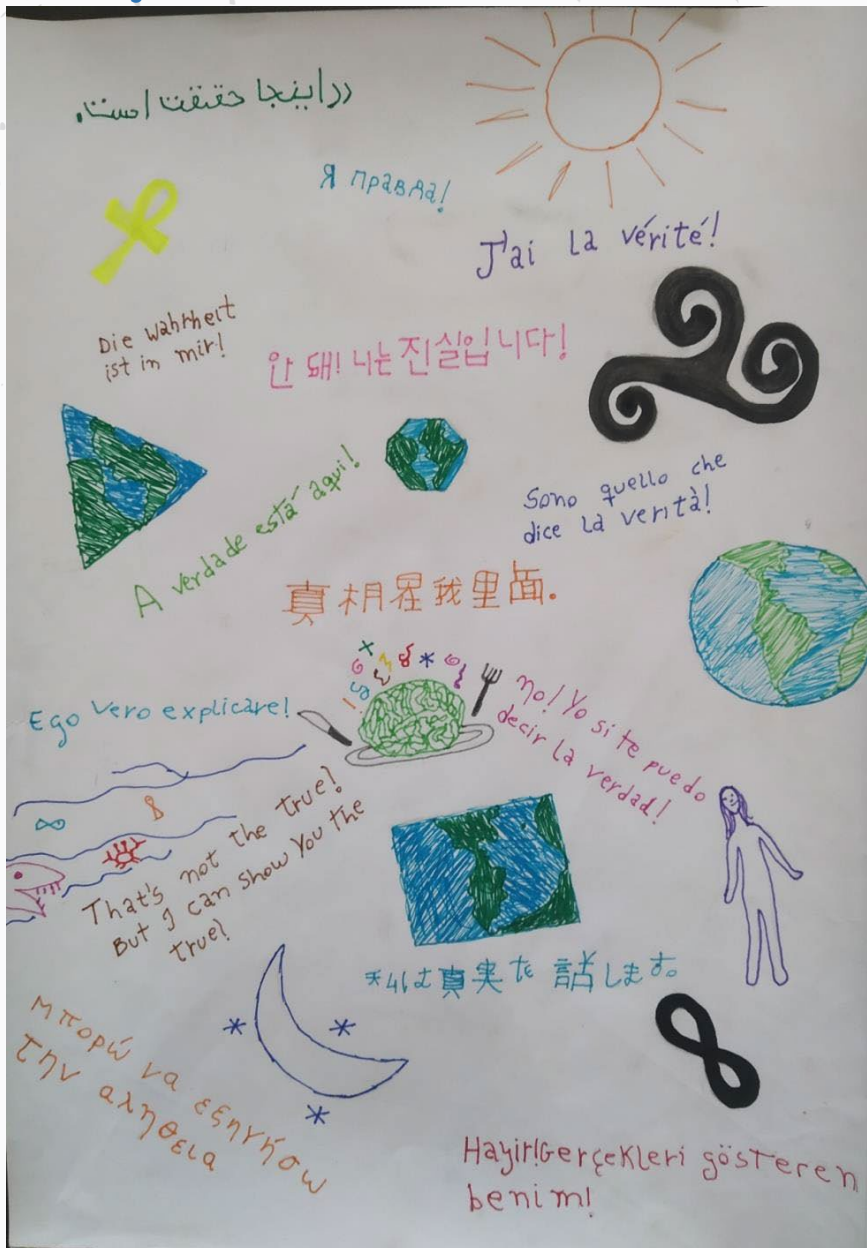
DOI: 10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT17.001

NICTALIPIAS COTIDIANO-CONTEXTUAIS: **A LUMINOLOGIA COMO POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS PARA (RE)VERMOS (N)OS ESCUROS DE NOSSOS (CON)TEXTOS CONTEMPORÂNEOS**

to contemporary researchers a new operative possibility for post-structuralist research productions, luminology, through which critical debates are dynamized, which intend potential expansions of our current conditions in producing academic knowledge, under wider margins of freedoms. in terms of ways of thinking and then producing and distributing knowledge. Throughout the text, there are considerations to sinest-analysis, a new theoretical proposal that, through the aforementioned master's research, is proposed together with luminology.

Keywords: luminology, poststructuralism, languages, research, humanities.

INTRODUÇÃO



(William Scheidegger, Mal-ditas verdades, 2021)

Considerando a imaginação como interface indispensável aos alcances e desenvolvimentos de nossas próprias condições de humanidade (WULF, 2013), então, poderíamos considerar que

tudo o que, e como, percebemos no e sobre o mundo e(m) seus enredos, consistiria como produtos, (re)produções e(m) (re)arranjos – inventiva, consensual e sócio-culturalmente – (re)imaginados/imaginários (WULF, 2013). Por estas vias, poderíamos considerar que os delírios e as fantasias seriam os “alicerces” que sustentam até mesmo àquilo que denominamos como real-idades.

Nos campos de conhecimentos sobre Educação e Humanidades, à luz (!) da razão, tendemos a crer que muito sobre o mundo e(m) suas tramas são passíveis a elaborações e desenvolvimentos racionalizados de explicações, sentidos e/ou respostas que, “lógica-mente”, tende-se a acreditar, respondam a certas (!) (re)descobertas que, projetadas e sustentadas pelos princípios de razão e comprovação, supostamente, “garantem-nos indícios, apontamentos e/ou evidenciações” sobre (supostas) “verdades” e/ou “certezas” a respeito de determinadas situações investigadas.

Com a pequena *lâmparina da razão* (!), fantasiemos e cremos termos iluminado quase todos os espaços e tempos do mundo (que, de fato, será sempre *escurecido e misterioso* diante de nós mesmo), tendendo a crer que os tornamos, em boa parte de suas extensões, como espaços e tempos familiares, previsíveis, óbvios e/ou inteligíveis. Aparentemente, hoje, o que determinamos como possíveis e/ou impossíveis sobre o mundo, o fazemos de acordo com nossos próprios jogos e princípios de racionalizações. Atual e hegemonicamente, tende-se a considerar que haja maneiras “verdadeiras” e/ou “mentirosas” de/para (re)imaginarmos o mundo e(m) seus enredos.

Todavia, sob estas perspectivas, pergunto se *out* as nossas extensões imaginárias – se consideradas/imaginadas como “fora” de qualquer corpo/pensamento humano –, ideias e ideais de razão, loucura, imaginação, verdades e mentiras, potencialmente, não poderiam ser (re)vistas como extensões reduzidas a “meros” escuros e silêncios. Pergunto, então, se em um hipotético espaço do mundo, onde não haja qualquer presença humana – portanto nenhum olhar, pensamento e/ou percepção naquele/sobre aquele espaço –, o que poderia haver do/sobre o mundo “ali”? “Haveria”?

Tomemos o Corpo Humano como centro das atenções para que, “a ele”, dirijamos as reflexões e os pensamentos que venho considerando e discutindo aqui. Sócio culturalmente, m-eu corpo é percebido e tomado como (e)feito por recortes estéticos, imagéticos,

representativos e simbólicos, que, consensualmente, tornam-me inteligível, a mim mesmo e aos demais, *tanto como sujeito, quanto como eu* (LOURO, 2016, a.).

Sob estas perspectivas poderíamos considerar que, sócio culturalmente, m-eu corpo seria (re)construções e(m) (e)feitos sempre permeado e (re)arranjado por dinâmicas, simbólicas e representativas, caracteristicamente socioculturais, político-educacionais, históricas e, portanto, tipicamente imaginárias (WULF, 2013).

M-eu corpo, assim, tal como qualquer outro, poderia ser compreendido como expressão (con)figurativa, e singular, de todas as políticas e(m) conjunturas imaginárias que, socio culturalmente - sob acordos e(m) consensos simbólicos e representativos sobre as estéticas que por mim são expressas através de m-eu corpo -, me perfazem como (suposto) determinado alguém.

Corpo, assim, sob as perspectivas e(m) olhares humanos, seria sempre inteligível a partir de imagens e(m) fantasias imaginárias que "abarcam" "tudo" que o (re)tomam, acreditadamente, como expressões e(m) (con)figurações estéticas. Corpo orgânico, neste sentido, é transformado como corpo racializado (branco, pardo, negro, etc.), como corpo-expressão de classes sociais, etc.; corpo, portanto, (e) feito e (re)fazedor de modas e modismos, de erudições e "populismos", de deficiências, de gêneros, e, hoje, também de *virtualidades*, e etc.

M-eu corpo, então, como qualquer outro, seria (e)feito de/ por suturas, simbólicas e representativas, imagético-imaginárias, ensinadas e aprendidas - consensualmente, e por nós, através das relações que praticamos, experimentamos e pensamos, ao longo da vida, com os demais. Inteligibilidades e(m) relações que me agenciam a determinadas (dis)posições de sujeitos, que me influenciam a/por agir sob determinadas práticas e pensamentos socioculturais específicas, e que me (re/des)montam, tanto enquanto os personagens socioculturais que assumo e acredito ser, quanto como as imagens que percebo como m-eus reflexos em espelhos.

M-eu corpo orgânico, assim, poderia ser compreendido como extensão material(izada) de mim mesmo, pela qual performo, ante aos meus próprios (im)possíveis, os m-eus personagens socioculturais, que assumo pelos teatros e peças do mundo que denominamos

real – onde pratico, experimento e penso os m-eus papeis socioculturais de/como Ser humano.

Sob estas perspectivas, m-eu corpo seria (re)montações de/por figurinos e(m) (con)figurações estético-ornamentais e performativas, para (re)apresentações dos espetáculos das ditas realidades. Estrutura estético-orgânica consensualmente semantizada (dois braços, uma cabeça, etc.) em expressões performativo-comportamentais e estético-ornamentais que, sócio culturalmente, tornam-me inteligível enquanto “certo tipo de sujeito” (!) frente a mim mesmo e aos demais.

Se assim (re)visto, m-eu corpo seriam (re)contos míticos, mosaico de representações e(m) significados já bem e bastante (re) contados e (re)definidos ao longo do que denominamos História(s), e, talvez, por isso, fielmente acreditado como o que supostamente é.

Contudo, pergunto: a-caso fosse possível “retirarmos”/“apagarmos”, de/em nós, tudo o que cremos *termos iluminado com as lamparinas da Razão (!)* sobre o que supostamente somos e/ou “devemos/deveríamos” ser enquanto corpos/sujeitos, “o que” poderia restar-nos, de/sobre nós mesmos, pelos escuros dos *supostos* desconhecidos? Antes de acreditarmos sermos “o que/como” somos, “o que/como éramos” (enquanto existências)?

LUMINOLOGIA E(M) MOVIMENTOS LUMINOLÓGICOS

O que proponho, aqui, enquanto *luminologia* consiste como técnica investigativa – aplicável aos campos de produções de conhecimentos acadêmicos sobre Humanidades, em pesquisas desenvolvidas sob perspectivas pós-estruturalistas – que se dedica a auxiliar-nos em investidas sobre estas reflexões. O termo *luminologia* faz alusão a uma substância química chamada *luminol*, por conta das propriedades e possibilidades que esta substância apresenta enquanto reagente químico.

O luminol é uma substância química bastante utilizada em técnicas/procedimentos de investigações forenses e(m) perícias criminais, onde a causa das investigações, na maioria das vezes, sejam casos de homicídios que ainda não foram resolvidos pelas autoridades que se dedicam a investigá-los. O luminol, muitas vezes, é utilizado, ao longo destes procedimentos investigativos, por conta

de sua qualidade, como substância, que o (con)figura como um reagente químico quando este entra em contato com o elemento ferro – também presente em hemoglobinas sanguíneas.

Em investigações forenses e perícias criminais, o luminol é aplicado em determinadas superfícies, onde se suspeite que determinado assassinato fora cometido, contudo, sem que deixasse evidências de manchas de sangue que pudessem ser vistas a olho nu, porque, anteriormente, foram higienizadas – possivelmente, pelo(s) autor(es) do crime cometido; talvez, como tentativas de dificultar(em) os processos investigativos.

O luminol, ao entrar em contato com resíduos de hemoglobinas sanguíneas – que permanecem no local, mesmo após higienização das superfícies –, reage quimicamente, causando um efeito de quimioluminescência, resultante de uma reação química de saída e retorno de um elétron, dando forma a um efeito de iluminação fluorescente; evidenciando, assim, a presença de manchas de sangue que estejam “ocultas” ao olho nu.

Esta técnica tende a ser considerada como fundamental para resolução de alguns casos de perícias criminais, pois, ao evidenciar, em determinadas superfícies, presenças de manchas sanguíneas escamoteadas a olho nu, viabiliza a coleta deste material sanguíneo para que sejam feitos os processos investigativos seguintes – análises de DNA do sangue, etc. –, onde é traçado o perfil genético do respectivo material sanguíneo e, assim, possa ser descoberto a quem pertence o respectivo sangue. A aplicação desta técnica pode ser uma peça importante para resolução de determinados “quebra-cabeças investigativos”, tornando os investigadores potencialmente capazes de remontarem as tramas “ainda desconexas” de assassinatos “ainda sem autores”.

O luminol, contudo, não é um reagente utilizado apenas em procedimentos de perícias criminais e investigações forenses. Em alguns países, por exemplo, essa substância química também é utilizada por caçadores noturnos, principalmente nos USA, para que estes possam encontrar condições mais amplas para rastreamento dos animais que foram feridos, à noite, pelos caçadores, todavia, de maneiras não letais, e, que, por isso, tentam escapar.

Assim, quando este fato se passa, os caçadores aplicam o luminol nas superfícies dos espaços próximos ao local onde a caça

fora ferida, esperando que o efeito de reação luminosa desta substância, quando em contato com o sangue da caça, aponte, por rastros sanguíneos, “o caminho” percorrido pela caça ferida para que esta seja, enfim, (re)encontrada e abatida pelos caçadores.

Esta também é uma substância química utilizada em ambientes hospitalares, por exemplo. Neste caso, é um reagente químico utilizado como contribuinte aos controles de qualidades em atendimentos médicos. Como exemplo desta aplicação, podemos citar o seguinte procedimento: após uma cirurgia, é indispensável à higienização adequada dos tecidos que foram utilizados durante determinados procedimentos cirúrgicos (lençóis, fronhas, etc.).

Portanto, após a higienização destes tecidos, aplica-se, neles, o luminol, para que, caso não tenham sido devidamente higienizados, se possa detectar a necessidade de higienizá-los novamente – caso ainda sejam detectadas, nos tecidos, manchas sanguíneas.

O luminol é uma substância que, quando em contato com hemoglobinas sanguíneas, provoca uma reação de catálise – que consiste na modificação da velocidade de uma determinada reação química provocada por uma substância que normalmente está presente, em determinada superfície, em pequenas quantidades, e que pode ser recuperada ao final da aplicação técnica.

Os resíduos sanguíneos, portanto, seriam os catalizadores responsáveis pelas respectivas reações de quimioluminescências, quando em contato com o luminol. Em outras palavras, uma catálise consistiria no aumento de velocidade de uma reação química provocada pela adição de uma substância (catalizador), podendo, assim, ser simploriamente definida como ação de um catalizador.

Um reagente químico é um potencializador. É um estímulo químico capaz de gerar uma reação, especificamente “estranha”, entre determinada substância química – que se encontre em determinada superfície – e outra, agora aplicada a ela. Podemos dizer, então, que um reagente químico é aquilo que provoca, que se faz ferver, faz-se reagir, faz-se mostrar.

É uma substância capaz de revelar o que antes, a olho nu, não era possível constatar, mas que, a partir da aplicação de determinada energia (luminol) que, ao entrar em contato com outra – já existente em determinada superfície e/ou recipiente – (hemoglobinas

sanguíneas), termina por revelar uma nova reação e/ou um novo efeito.

No entanto, para que estes efeitos de quimioluminescência tornem-se possíveis às nossas percepções oculares, faz-se necessário o escurecimento do ambiente no qual o respectivo procedimento esteja por ser realizado/desenvolvido – é indispensável a diminuição de luz no respectivo espaço em que ocorre a aplicação procedimental (!). Assim, agir no escuro torna-se condição indispensável para que o desenvolvimento desta técnica investigativo-criminal obtenha êxito.

Portanto, podemos afirmar que o que proponho como *luminologia* trata-se, simbolicamente, de uma técnica investigativa onde as propostas e(m) desafios consistem em operarmos (por) avanços investigativos nas conjunturas das noites eternas e desconhecidas do mundo e de seus enredos. Uma aplicação *luminológica*, neste sentido, também nos propõe a “retirada”/diminuição dos excessos concepcivo-interpretativos sobre o que – sócio cultural, histórica, política, educacional e economicamente – tendemos a crer, enquanto (supostas) “verdades verdadeiras”, sobre nós, sobre o mundo e(m) seus enredos. Devemos, então, “diminuir”/“apagar” a luz (!) para que possamos (re)ver *luminologicamente*.

Como exemplo ilustrativo, aplico o que proponho como *luminologia* a seguinte questão: hoje, tomamo-nos, acreditadamente, como sujeitos, praticantes e pensantes de determinados princípios socioculturais e, por assim crermos-nos, ao longo do tempo, (re)construímos diversas técnicas, tecnologias, ornamentos, artifícios e alegorias – (e)feitos por princípios socioculturais fundamentalmente *imaginários* (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012) e normativos – que, potencialmente, (re)criam as possibilidades necessárias para que acreditemos-nos enquanto o que reivindicamos Ser.

A-caso imaginemos possível “retirarmos” de nós “boa parte” das ideias que nos perfazem enquanto o que supostamente somos (acreditamos ser) – enquanto sujeito, espécie, existência e/ou sociedade –, a-caso olhemos para o que somos, fora da *ilusória luz da razão* (fundamentalmente *iluminista/positivista!*), out a quaisquer possibilidades de explicações, ideias e/ou reflexões já “tão” (re)pensadas e *reforçadas* em/por nós mesmos como (supostas) “verdades

verdadeiras”, “o que” poderíamos encontrar de/sobre nós, se “com as luzes apagadas”(!!)?



(William Scheidegger, *Sujeito pós-modernista*, 2021)



(William Scheidegger, *Ver-dade*, 2021)

A *luminologia*, portanto, não consiste como técnica investigativa que se atem apenas às palavras e(m) discursos, o que compõe suas (con)figurações dinâmico-operativas são os intensos fluxos por aplicações e(m) variações das possibilidades de linguagens que dispomos, independentes de quais sejam – performances de danças, pinturas, imagens, esculturas, confecção de roupas, melodias, textos escritos (acadêmicos ou não), produções literárias (contos, poesias, poemas, etc.), performances estético-teatrais (arte Drag Queen, por exemplo), diálogos (formais e/ou informais) estabelecidos entre pesquisador e sujeitos que pratiquem, experimentem e pensem os contextos sob investigações, etc.

Todavia, tratando-se de uma proposta técnico-investigativa acadêmica, caracteristicamente teórico-estética e prático-operativas, independente dos movimentos, das experimentações e/ou das dinâmicas que sejam assumidas pelos investigadores que desenvolverem suas pesquisas sob aplicações luminológicas, obviamente, a *luminologia* defende a posição de que estas pesquisas devem ser produzidas de modos que permeadas e norteadas, também, através de processos de estudos teóricos.

Por tanto, podemos dizer que um dos princípios luminológico-investigativos seria considerar e assumir que *nem sempre os discursos e/ou palavras se constituem como suficientes e/ou eficientes aos alcances qualitativos (!) do que desejamos dizer/expressar através de nossas pesquisas*, e, neste sentido, a “utilização”/“permeabilidade” de outras possibilidades expressivo-linguísticas em nossos (con)textos investigativos, potencialmente, ampliariam nossas condições em comunicarmos aos demais o que pretendemos – como pesquisas.

Hoje, podemos considerar que as defesas por aproveitamentos de nossas tantas potências em linguagens, de modos que possamos “aplicá-las” nos (con)textos de nossas pesquisas, já não consistem mais como “novidades acadêmicas”. Em um artigo científico intitulado *Finding my way to a/r/tography*, Kymberly Baker (2017) discute sobre uma possibilidade metodológico-investigativa denominada como a/r/tografia (originalmente, em inglês: *a/r/tography*) –, proposta, desde o ano de 2004, pela pesquisadora Rita Irwin.

Tal como posso compreendê-la, a a/r/tografia poderia ser considerada como proposta metodológico-investigativa operada a

partir do desenvolvimento de práticas e(m) movimentos dinâmico-criativos em pesquisas, através dos quais, privilegiam-se atenções e considerações a todas as formas de linguagens e(m) comunicações que sejam possíveis, enquanto expressões, aos pesquisadores. Proposta que, segundo a autora, potencialmente, pode contribuir com enriquecimentos de nossas atuais condições em produções de conhecimentos acadêmicos sobre Humanidades.

Valorizar e estimular o emprego de “outras formas” de expressões e(m) linguagens nos (con)textos de produções de conhecimentos acadêmicos sobre Humanidades – aqui, especialmente, nas pesquisas desenvolvidas sob perspectivas propostas por *teorias pós* (ST. PIERRE, 2018) –, além de, potencialmente, contribuir para com ampliações de nossas próprias possibilidades em transmitirmos, aos demais sujeitos/pesquisadores, através de nossas pesquisas, determinadas conjunturas, reflexões e percepções a respeito do que investigamos, também podem contribuir para com eclosões de movimentos potencialmente capazes de tensionarem/desestabilizarem determinadas ideias e(m) práticas/ações acadêmicas, *ainda* hegemônicas, que (re)posicionam a linguagem discursiva como “única possibilidade” acadêmica passível a formulações de “pesquisas acadêmicas comprovada-mente qualificadas” (!).

Neste sentido, compreendo que a a/r/tografia pode ser representativamente interpretada como *performances pedagógicas* operadas, em processos de pesquisas, através de experimentações e(m) empregos de linguagens diversas. Performances que, potencialmente, ampliam nossas atuais possibilidades em enxergarmos, de “outras maneiras”, as complexidades que nos cercam, nos circunscrevem e nos re-atravessam.

Segundo Kymberly Baker (2017),

A/r/tography is a form of inquiry emerging from art seducation, the arts, aest heticand qualitative research methodologies. Over theyears, a considerable body of literature on arts-based forms of educational research has a imed to theorize the work of artists and teachers as methods of creative inquiry and representation. There are few methodologies that focus of the crea- tive process and recognize the educative potential for teaching and learning in a reciprocal relationship while

exploring the relationship sin-between the roles of artist/researcher/teacher as “fluidspaces” (p. 11).

Por conta das especificidades em considerações, enlaces e(m) “aplicações” dinâmico-operativas que compõem a metodologia a/r/tográfica, aqueles que desenvolvem suas pesquisas sob as perspectivas destas propostas tendem a tomá-las como movimentos investigativos capazes de tornarem as respectivas pesquisas “vivas”; de modos que sejam propostas e estimuladas, aos pesquisadores, que busquem por movimentos teórico-práticos, mais ou menos poéticos, que possam suturar, dos modos possíveis a cada um, “pesquisas pessoais” às “pesquisas profissionais” – misturas, intersecções e(m) *mestiçagens* (BAKER, 2017).

Vale ressaltar que, ainda que a a/r/tografia possa ser definida como metodologia de pesquisa, aos modos como posso compreendê-la, ela não apresenta quaisquer exigências de critérios investigativos específicos – já (pré-)estabelecidos –, a serem seguidos por quem busque por aplica-la; de maneira que privilegiando, assim, eclosões de *movimentos investigativos baseados em abordagens possíveis ante determinadas questões e/ou necessidades percebidas pelos investigadores ao longo do desenvolvimento de suas pesquisas*.

Ainda de acordo com Kymberly Baker (2017),

Irwin posits, that the principles and practices of a/r/tography are based upon Aristotle’s “three kinds of thought: knowing (theoria), doing (praxis), and art/making (poesis)”. She the nex tends the seunderstandings to educational research (see Dewey, 1934) and expand supon arts-based research (see Eisner, 1979, 1991; Barone & Eisner, 1997) to consider a/r/tography as an enacted living inquiry. She suggests living inquiry draw upon the personal experiences of art-teachers, arts-based educational researchers and artists as they utilize the art-making process to ponder questions and the orize possibilities (p. 11).

Tal como a a/r/tografia, a *luminologia* também valoriza e considera, em pesquisas, aplicações de todas as formas de linguagens possíveis a nós, *de modos que, assim, toda forma de expressão – mesmo a discursiva –, potencialmente, possa ser assumida e*

considerada, nas/pelas investigações, como espécie de ornamentações e(m) alegorias estético-expressivas, onde as formulações e(m) enredamentos semântico-explicativos apresentados ao término de determinada pesquisa, possam dispor de maiores condições em ultrapassarem/borrarem quaisquer fronteiras e/ou limites que busquem (im)por literalidades (supostamente fixadas) diante do que se (re)arranje enquanto (con)textos investigativos.

Por estes caminhos, tanto o conceito de pesquisa a/r/tográfica (BAKER, 2017), quanto o de pesquisa pós-qualitativa (ST. PIERRE, 2018) também podem ser compreendidos e aplicados como interfaces, possibilidades e/ou princípios *luminológicos*. No entanto, ressalto, de modos que, ao movimentarmos nossas pesquisas sob perspectivas pós-qualitativas – aplicando as *pós-análises* (*idem*, 2018) como “norteadoras” de nossos processos investigativos –, as buscas e(m) intenções dos pesquisadores que assim o façam, se também sob perspectivas *luminológicas*, não objetivem investigar de modos que “fazendo/pensando como determinado autor específico”; senão, “fazendo/pensando a partir de determinada proposta teórica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Representativamente podemos dizer que a *luminologia* “acontece” como processos semelhantes àqueles químicos, aplicados nos citados casos de perícias e investigações criminais.

A técnica *luminológica* toma como princípios a valorização e a conscientização do fato de que cada pesquisador (como sujeito) já dispõe de determinado modo de olhar e perceber o mundo e(m) seus contextos e tramas – modo específico e singular a cada investigador que, através de práticas, reflexões, experimentações e(m) pensamentos desenvolvidos através de estudos e pesquisas, tendemos a considerar, potencialmente, “afiam-se”, possivelmente, culminando em “novos/outros” olhares possíveis a respeito dos contextos que estejam sob investigações.

Considerando, simbolicamente, os processos práticos operados através destas citadas investigações e perícias criminais forenses, estes pontos de vistas singulares – aos quais a *luminologia* considera que todo pesquisador já disponha –, poderiam ser

representados como referentes às hemoglobinas sanguíneas, “escamoteadas” em determinadas superfícies de potenciais cenas de crimes; as pós-análises, representadas como o luminol (substância química reagente) – a “energia” que, em contato com hemoglobinas sanguíneas, “faz-se reagir/fervilhar/evidenciar” o que, antes, estava velado; e a reação de quimioluminescência causada pelo contato entre hemoglobinas sanguíneas e o luminol, representativamente, como as emergências de “novos” modos de olhar, lançados nos “escuras”, agora possíveis aos investigadores que desenvolveram suas investigações sob estas perspectivas.

Em outras palavras, representativamente, a *luminologia* consiste como aplicação de determinada “substância energético-reflexiva” – compreendida como “teorias/pesquisas pós”, proposta por determinados autores –, à outra “substância energético-reflexiva” já “presente no ambiente” (no caso, ambiente representado como o próprio corpo/sujeito investigador-pensante), de maneira que, a partir de então, através de “reações” causadas por estas “sobreposições” entre estas “substâncias energético-reflexivas”, uma “nova” “substância energético-reflexiva” possa surgir, como modos de olhar e re-perceber singulares/específicos daqueles que investigam.

As intenções *luminológicas*, portanto, consistem em buscas por tentativas investigativas que sejam potencialmente capazes de “fazer aparecer”/“desvelar”, através de processos de provocações e reações energético-reflexivas, o que, até então, encontrava-se camuflado/oculto em/sobre os contextos que investigamos, por conta das “densidades de luzes (!) (iluministas/positivistas) que as/nos envolvem e re-atravessam – geral-mente, cegando-nos frente a determinadas de suas interfaces e(m) extensões.

É uma proposta que visa estimular-nos, como pesquisadores, a percebermos, de maneiras sensíveis e atentas, tanto sobre nossos próprios possíveis modos (singulares) de re-vermos e refletirmos sobre o mundo e(m) suas tramas, quanto a duvidarmos até mesmo de tudo o que pareça-nos “já estar claro/visível” enquanto (con)textos.

Ao desenvolver e aplicar a *luminologia* nesta pesquisa, desenvolvi reflexões e olhares m-eus, que expresso, aqui, através de diversas “(re)formas” de expressões e(m) linguagens. Onde as palavras não cabem/couberam nesta pesquisa, outras possibilidades

expressivo-comunicativas assumem as minhas intenções de “dizer(-lhes)” sobre o que reflito.

Reivindico esta pesquisa, portanto, como produção, tanto *luminológica* e *sinet-analítica* (MOREIRA, 2021), quanto *a/r/tográfica* e *pós-qualitativa*, onde as linguagens artísticas e as pós-análises são aproveitadas como potenciais ampliadores de meus modos possíveis em/por expressar-me. Afinal, (sobre)vivemos em um mundo (e)feito de/por rótulos e(m) reivindicações (supostamente) sustentadas em nome de maiores inteligibilidades. Oxímoros e paradoxos que escolho aceitar, contudo, *até determinados pontos*.

Através destas e de algumas outras perspectivas teóricas, como culminâncias de minha pesquisa de mestrado, também produzo, desenvolvo e proponho o que venho a denominar como movimentos *sinest-analíticos* (*sinest-análise*) – onde o corpo é (re) tomado como extensão de nossa própria (r)existência, e que, como organismo, irredutivelmente, destina-nos a escapes daquilo que, imaginariamente, nós mesmos/as projetamos como realidades.

Podemos dizer, assim, que pela *sinest-análise* (MOREIRA, 2021), todo corpo, sob olhares humanos, seria sempre inalcançável à verdade de/sobre si mesmo, porque “banhado” pelas ondas da imaginação, que o representam, o res-significam, o identitarizam, o (re)agenciam e o (re)posicionam enquanto “tipo específico de corpo”. *Luminológica e sinet-analiticamente*, o corpo seria compreendido sempre como/a partir de imagens; e, neste sentido, o corpo (re)visto estaria sempre “no lugar das imagens”; em outras palavras, sempre em “um não lugar” (ALLOA, 2017). *Corpo sempre utópico* (FOUCAULT, 2013, b.).

Pela *luminologia* pela *sinest-análise*, portanto, dedicaríamos nossas atenções, reflexões e considerações aos/sobre os corpos, desestabilizando, tencionando e relativizando, através de nossos movimentos investigativos, toda e qualquer suposta “verdade verdadeira” que ensinamos e aprendemos sobre sociedades e/ou culturas, tomando-as sempre como regimes – incluindo aquelas que tendemos a acreditar, fielmente, sobre nós mesmos.

Por estas vias, a *luminologia* e a *sinest-análise* não trata ou se dedica a refletir sobre “como e/ou por que nossos con-textos são como são”, ou sobre “quando e/ou onde as coisas passaram a ser e a acontecer como são e acontecem”; *senão sob quais condições as*

coisas têm sido e acontecido como são e acontecem. Não se trataria, portanto, de investigarmos sobre “as causas” de nossas atuais condições socioculturais; senão, sobre nossas atuais condições enquanto existências – que se imaginam enquanto o que imaginamos que somos, e, assim, tornamo-nos.

Através das propostas *luminológica e sinest-analítica*, talvez, tornem-se (sócio culturalmente) possíveis determinados afrouxamentos em “certos” (!) regimes hegemônicos de “certezas”, alguns descarrilhamentos de umas ou outras (supostas) “verdades bem guiadas”, e hegemonicamente acreditadas, com devoções, (há séculos), e determinados deslocamentos de alguns “certos” (!) modos de olhar sobre nós mesmos. Possibilidades que, talvez, possam culminar, um dia, em desenvolvimentos de novos/outros olhares também possíveis a nós, pesquisadores – sobre o mundo, suas tramas, sobre nós mesmos e os Outros.

A *luminologia e a sinest-análise* propõem, para isso, que (re) vejamos – “pós-analiticamente” – os corpos através de movimentos geralmente incomuns aqueles que, hegemonicamente, tendemos a *praticar/operar* durante os processos de produções de conhecimentos acadêmicos sobre Humanidades: pela *luminologia e pela sinest-análise*, o desafio proposto é que reflitamos sobre o *corpo*, buscando (re)pensá-lo e (re)percebê-lo de modos que “de fora para dentro”, partindo “da realidade existencial/material para as dinâmicas imaginárias e imagético-representativas e estético-simbólicas”; “do organismo em direção ao pensamento”, “da materialidade para as imagens”.

A *luminologia e a sinest-análise* buscam perceber os/sobre os corpos, partindo “dos escuros e dos silêncios” dos desconhecidos sobre o mundo que habitamos, em direção aos sons e as cores que compõem nossas realidades – imaginária-mente – (re)inventadas. A-caso perguntem-se sobre quaisquer porquês destas propostas, respondo-lhes que as dispero por também acreditar, com consideráveis investimentos de fé, que “podemos recusar o que somos” (ST. PIERRE, 2018).

Contudo, também ressalto considerar que, para que possamos recusar o que somos, talvez nos seja indispensável que, antes, *percebamos* a nós mesmos, como o que “temos sido”, de modos que despindo-nos, ao máximo, de todas as fantasias que (re)criamos,

(re)vestimos e (re)vivemos sobre/como nós mesmos, e também sobre os outros.

Olhando-nos de “fora para dentro”, o que percebemos sobre as condições que enfrentamos como corpos, pelos espaços e tempos do mundo material? Pós-analisando-nos, enquanto corpo, “de fora pra dentro”, o que poderíamos encontrar enquanto “fontes (re) produtoras” destas (supostas) “verdades e(m) certezas verdadeiras” que tendemos a crer como fatídicas?

[...] desde suas mais longínquas aparições, o homem claramente distinto dos outros seres vivos, é dotado de um cérebro que faz dele um homo symbolicus (DURAND, 1994, n/p, *grifos meus*). (William Scheidegger, *real-mente*, 2021).

REFERÊNCIAS

MOREIRA, W. S. Luminologia e(m) Educação, (à)pós-loucura: uma proposta sinest-analítica: Corpo, Educação, Arte, Literatura e Filosofia em foco. Dissertação. Rio de Janeiro, 139 p., 2021.

WULF, C. Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo, Hedra, 2013;

ST. PIERRE, E. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. *Práxis Educativa*, p. 1044-1064, 2018;

LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, a.;

LOURO, G. Conhecer, pesquisar, escrever.... *Educação, sociedade e cultura*, n. 25, 2007, p. 235-245, b.;

BAKER, K. Encontrando o meu caminho para a a/r/tografia. *Revista VIS: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arte*, 16(2), p. 8-26, 2017;

DURAND, G. L'Imaginaire. Essai sur lês sciences et La philosophie de l'image. Paris: Hatier, 1994;

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012;

FOUCAULT, M. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: N-1 Edições, 2013;

ALLOA, E. (org.). Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.